

Os suportes de leitura de acadêmicos de Letras e de Pedagogia: discutindo os resultados de uma pesquisa

*The reading supports of academics of Letters and Pedagogy: discussing the results of a
research*

Deisi Luzia Zanatta*

*Universidade Católica de Santa Catarina
Jaraguá do Sul, Santa Catarina, Brasil*

Resumo: Este artigo visa descrever e analisar os modos de ler, especialmente os que se referem à leitura no suporte digital e impresso dos estudantes ingressantes nas licenciaturas de Letras e de Pedagogia de três universidades brasileiras. Trata-se de um estudo qualitativo e quantitativo, resultado final de uma pesquisa desenvolvida na Universidade de Passo Fundo (UPF), de 2015 a 2019, que, por sua vez, é um desdobramento de um Projeto de Cooperação Acadêmica Interinstitucional – Procad cujas universidades integrantes foram: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Assis, de Marília e de Presidente Prudente, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Universidade de Passo Fundo (UPF). Os dados obtidos mostraram que a leitura no suporte digital não anulou essa mesma prática na modalidade impressa. Tais resultados sugerem que os cursos superiores de Letras e de Pedagogia das instituições do Procad repensem as ações metodológicas que envolvem as atividades leitoras com textos digitais e de papel. Por fim, realizamos uma proposta de prática de leitura levando em consideração o suporte impresso e digital durante a formação inicial em licenciaturas de Letras e de Pedagogia.

Palavras-chave: Leitura em licenciaturas de Letras e de Pedagogia. Formação de professores. Modos de ler. Leitura na modalidade digital e impressa.

Abstract: This article aims to describe and analyze the ways of reading, especially those that refer to reading in the digital and printed support of the students beginning in the undergraduate degrees of Letters and Pedagogy of three Brazilian universities. It is a qualitative and quantitative study and constitutes the end result of a research developed at the University of Passo Fundo (UPF), from 2015 to 2019 which, in turn, was a development of a Interinstitutional Academic Cooperation Project – Procad whose universities members were: Paulista State University “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Assis, Marília and Presidente Prudente campus, Federal University of Espírito Santo (UFES) and University of Passo Fundo (UPF). The results obtained showed that reading in digital support did not cancel out this same practice in printed mode. This suggests that the higher courses of Letters and Pedagogy of the institutions of Procad rethink the methodological actions that involve the reading activities with digital and paper texts. Finally, we made a proposal of reading practice taking into consideration the printed and digital support during the initial formation in the Letters and Pedagogy degrees.

Keywords: Reading in degrees of Letters and Pedagogy degrees. Teacher training. Reading in the digital mode. Reading in the printed mode.

1 INTRODUÇÃO

A formação do professor é um assunto que tem angariado muitos estudos e tem sido alvo de profundas reflexões. A profissionalização docente passou a ser uma

* Professora da Universidade Católica de Santa Catarina, Doutora em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF) – Centro Universitário, Jaraguá do Sul E-mail: deisil.zanatta@gmail.com

preocupação mais efetiva a partir da publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº9.394/96. Diante disso, trazemos como tema deste estudo a leitura em licenciaturas e a formação inicial do professor durante a graduação com abordagem sobre os suportes de leitura dos acadêmicos ingressantes em cursos superiores presenciais de Letras e de Pedagogia.

Tal artigo é de abordagem qualitativa e quantitativa resultado final de uma pesquisa, desenvolvida na Universidade de Passo Fundo (UPF) de 2015 a 2019. A pesquisa foi originada de um Projeto de Cooperação Acadêmica Interinstitucional – Procad cujas instituições integrantes forma: Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), de Assis, de Marília e de Presidente Prudente, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Universidade de Passo Fundo (UPF).

Logo, este estudo tem como norteamto central descrever e analisar os modos de ler, especialmente os que se referem à leitura no suporte digital e impresso dos acadêmicos ingressantes nas licenciaturas de Letras e de Pedagogia das três universidades brasileiras integrantes do Procad.

Entendemos que a leitura deve ser uma preocupação em todas as áreas do conhecimento. Contudo, os futuros professores de Letras e de Pedagogia atuarão diretamente com questões que envolvem a interpretação e a formação do pensamento crítico dos seus alunos. Ressaltamos a relevância do tema para o campo de trabalho desses docentes, uma vez que o ato de ler é parte inerente da formação de tal profissional, futuro mediador de leitura na escola.

Para desenvolvermos a discussão aqui proposta, organizamos o presente trabalho da seguinte forma: as considerações teóricas sobre a leitura e a formação inicial do professor; uma breve abordagem sobre a história da leitura; o percurso metodológico e a análise dos resultados das questões selecionadas que abarcaram a modalidade digital e impressa. Por fim, tecemos as considerações finais e algumas implicações para as licenciaturas de Letras e de Pedagogia relacionadas aos dados apresentados.

2 A LEITURA EM LICENCIATURAS: ABORDAGENS SOBRE A FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR

Percebemos que o cenário social contemporâneo nos direciona para uma era de profundas modificações no âmbito educacional. O professor enquanto profissional formador de pessoas deve estar ciente das especificidades de seu exercício, o que nos faz perceber que a universidade tem a sua frente um sério compromisso: o de propiciar uma formação de qualidade para o docente da área de Letras, que lecionará no Ensino Fundamental II e Ensino Médio, e o profissional da Pedagogia para atuar nas Séries Iniciais.

A ideia que gira em torno da formação do professor, então, é de transformação. Logo, para que haja uma modificação profunda na maneira de trabalhar com os alunos no ambiente escolar é preciso que a universidade esteja consciente da formação adequada e inovadora que envolve os futuros professores da educação básica.

Em uma entrevista concedida à Victória Martins da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), Max Butlen enfatiza que o problema da formação docente no Brasil ocorre, porque este se encontra descentralizado. Logo, há a necessidade de “conciliar universitarização¹ e profissionalização, porque ambas precisam ser melhoradas, no sentido de ter uma universitarização que permite uma melhor profissionalização, e uma profissionalização que venha de uma melhor ligação com a construção do saber”.

Nesse contexto, os conhecimentos adquiridos no ensino superior são basilares para uma formação complexa. Anísio Teixeira (2010) ressalta a importância da universidade na formação dos acadêmicos e enfatiza que:

A função da universidade é uma função única e exclusiva. Não se trata, somente, de difundir conhecimentos. O livro também os difunde. Não se trata, somente, de conservar a experiência humana. O livro também a conserva. Não se trata, somente, de preparar práticos ou profissionais, de ofícios ou artes. A aprendizagem direta os prepara, ou, em último caso, escolas muito mais singelas do que universidades.

Trata-se de manter uma atmosfera de saber para se preparar o homem que o serve e o desenvolve. Trata-se de conservar o saber vivo e não morto, nos livros ou no empirismo das práticas não intelectualizadas. Trata-se de formular intelectualmente a experiência humana, sempre renovada, para que a mesma se torne consciente e progressiva (TEIXEIRA, 2010, p. 33).

Diante disso, a universidade enquanto espaço formador de profissionais coloca em foco que é necessário repensar e reconstruir a formação docente, uma vez que no ensino superior se amplia a finalidade cultural. Na universidade, nos cursos superiores é onde se desenvolve e aprimora o saber em toda a sua abrangência. Em suma, o contexto em que se inserem as licenciaturas exige uma mudança, uma construção do professor com um novo olhar voltado para a renovação das ideias, pois estes “não são produzidos como tijolos, nem montados como casas” (GATTI, 1997, p. 99).

Ao atentarmos para o art. 43 da Lei. 9.394 de 20 de dezembro de 1996 podemos perceber que o objetivo do ensino superior é estimular a criação cultural, o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo, bem como formar diplomados nas diversas áreas do conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais, para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira e para a colaboração na sua formação contínua.

A partir da implantação da LDB/96 se fortaleceu a ideia do professor como um mediador de trocas de saberes e experiências, bem como pela formação do senso crítico. Nesse sentido, “a verdade é que esta lei foi a primeira a apresentar-se sob aspectos mais globalizantes, intervindo e constituindo de fato relações mais abrangentes entre as instâncias do ensino e a valorização do magistério” (SEGABINAZI, 2015, p. 63).

De acordo com Iria Brzezinski (1996), a formação do professor dota o profissional de pré-requisitos que se complementam em momentos posteriores, para deixá-los aptos de determinados conhecimentos necessários ao desempenho de tarefas específicas que

¹ Formação universitária.

requerem um preparo verticalizado. A estudiosa ainda ressalta que o professor deve ser formado para dominar as relações que giram em torno do trabalho pedagógico que, por sua vez, se desenvolve na escola. O espaço educacional, então, deve abrigar de forma democrática todas as pessoas e ser capaz de lhe assegurar uma educação concreta ao propiciar situações de transmissão e produção de conhecimentos.

Antonio Candido (2002), ao proferir o Discurso de paraninfo aos bacharéis e licenciados de 1947 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras profere que a principal missão do professor é justamente viver a aventura do pensamento ao lado dos alunos e, ao mesmo tempo, procurar enriquecer de tal maneira a sensibilidade e a visão das coisas, a fim de que seja possível com maturidade um olhar mais atento sobre o mundo e o nosso semelhante. Candido (2002) também enfatiza que somente esta sabedoria conduz ao discernimento verdadeiro e ao desejo de encaminhar a nossa atividade para a conquista dos altos padrões da humanidade. Logo, o esforço do professor “deverá aplicar-se no sentido de nortear o ensino segundo a compreensão da vida, porque o vivido sobreleva o aprendido, já que este vale na medida em que se transforma em novas formas de viver” (CANDIDO, 2002, p. 15).

Diante dessas questões, uma formação de qualidade está intrinsecamente ligada à identidade do professor, o que nos faz acreditar que a reavaliação da prática docente necessita passar pela tese de que os professores são intelectuais transformadores, já que “intelectuais deste tipo não estão meramente preocupados com a promoção de realizações individuais ou progresso dos alunos nas carreiras, e sim com a autorização dos alunos para que possam interpretar o mundo criticamente e mudá-lo quando necessário” (GIROUX, 1997, p. 29).

O professor enquanto especialista da área da educação possui o compromisso com o saber e com a formação do ser humano. Logo, entendemos que:

O fortalecimento da docência como profissão envolve, irrefutavelmente, a vivência e a incorporação de porções contínuas de leitura. O magistério, em termos de trabalho e de atualização, está calcado em experiências de leitura. Por dever de ofício e por expectativa social, o professor tem na leitura, além de instrumento e de prática, uma forma de atuar ou agir, seja porque ele (o professor) simboliza leituras já realizadas e assimiladas, seja porque faz a mediação e informa leituras relacionadas à matéria que ensina, seja porque o conhecimento, para ser organizado e dinamizado, exige competências multifacetadas de leitura (SILVA, 2009, p. 26).

Se através da leitura há a possibilidade de transformação, o professor enquanto leitor tende a conscientizar criticamente os estudantes sobre os acontecimentos da realidade. Com isso, é indiscutível a importância da leitura na formação inicial, ou seja, na graduação do futuro professor de Letras e de Pedagogia.

3 UM POUCO SOBRE A HISTÓRIA DA LEITURA

O vasto acesso à informação, a transformação nas relações entre os seres humanos, sem dúvida teve início com a imersão das pessoas no mundo da escrita e,

consequentemente, da leitura. Cada época possuiu avanços tecnológicos que permitiram a evolução dos suportes que viabilizam a aquisição do conhecimento. Em meados de 4000 a.C, os homens aprenderam a escrever, os hieróglifos egípcios datam 3200 a.C e a escrita alfabética surgiu por volta de 1000 a.C. A escrita, então, abriu caminho para o surgimento do livro e dos leitores como força e relevância histórica.

Conforme Guglielmo Cavallo e Roger Chartier (1998a), do fim do século XI até o século XIV ocorreu um novo momento para a leitura. A alfabetização passou a se desenvolver nas escolas e, com isso, os livros e a leitura ganharam seu espaço. As práticas de leitura e escrita se aproximaram, tornando-se uma função da outra. As transformações que envolvem a leitura, então, vieram a afetar suas práticas ao longo do tempo, ocasionando três revoluções.

A primeira revolução ocorreu no momento em que a leitura em voz alta desenvolvida nos salões, rodas e reuniões familiares, sociedades literárias ou em cafés para socializar as palavras diante dos olhos do leitor cedeu lugar a uma leitura íntima, individual e silenciosa. Já a segunda revolução ocorreu da passagem da leitura intensiva, aquela que circunscrevia um número limitado e fechado de textos que eram lidos, relidos, memorizados e recitados pelos leitores. A Bíblia e demais textos religiosos eram alvos de tais práticas, porque evidenciavam o poder da igreja, a escrita sacra. Por conseguinte, um novo modo de ler, a leitura extensiva, que invadiu a Alemanha possibilitou ao leitor dessa modalidade conhecer vários livros, diferentes, singulares. Segundo Chartier (1998a), os receptores de tal período liam com agilidade ao mesmo tempo direcionavam um olhar crítico ao escrito. A leitura extensiva viabilizava ao leitor ampliar os seus horizontes, isto é, ler um amplo acervo de livros.

A terceira revolução da leitura, por sua vez se deu por meio da modificação tecnológica que segue o surgimento da escrita sendo a substituição do pergaminho pelo códice e, com isso, a transformação da experiência e percepção dos leitores. Esse novo formato viabilizou uma maior facilidade em lidar com o texto, ao invés de desenrolar o papel, os leitores se tornaram capazes de folhear um texto articulado, que logo passou a ter outra disposição no papel com a demarcação de parágrafos, capítulos, sumários e incluir palavras diferenciadas, seja pela grafia ou pelos espaços. Assim, segundo Chartier (2001), progressivamente instaurou-se uma nova relação com o livro.

Num salto temporal, no ano de 1450, o códice deixou de ser o suporte de última moda nas mãos dos leitores. Surgiu, então, a impressão com tipos móveis – a invenção de Gutenberg, que se propagou de modo acelerado, fez com que o livro fosse um artefato cada vez mais constante ao alcance dos leitores. De acordo com Darnton (2010, p. 40): embora a tecnologia de impressão não tenha sofrido alterações por quase quatro séculos, o público leitor se expandiu devido à alfabetização, educação e acesso à palavra impressa. Esse estudioso também menciona que panfletos e jornais, produzidos em impressoras a vapor com papel feito com polpa de madeira em vez de trapos, ampliaram o processo de democratização de modo a permitir o surgimento de um público de massa durante a segunda metade do século XIX.

A partir da década de 60 e 70, esse panorama ganha maior proporção com o surgimento da comunicação em redes de computador e a internet. Daí em diante,

websites, blogs, páginas de busca, redes sociais tornaram-se cada vez mais comuns entre as pessoas. Percebemos que o passado, o presente e o futuro se entrelaçam, pois o desenvolvimento acelerado das transformações tecnológicas com certeza mudou o panorama da informação e do acesso ao saber. Assim, todos os períodos foram marcados por aspectos diferentes de difusão do conhecimento.

Chartier (1998b) enfatiza que a liberdade do leitor se relaciona com o que o livro lhe pretende impor. Porém, as diferentes práticas leitoras que se alastraram pela humanidade ao longo do tempo são cercadas por limitações oriundas dos novos gestos, convenções e hábitos. Mudam-se os tempos, modificam-se algumas atitudes, extinguem-se outras. Nesse sentido, as modificações do livro que perpassam do rolo ao códex medieval, do impresso ao digital evidenciam as influências nas maneiras de ler. Essas mudanças mostram a relação corporal do leitor com o livro, bem como as diversas formas de escrita possibilitam a compreensão do objeto lido.

De acordo com o estudioso em princípio é possível comparar a revolução eletrônica com a revolução de Gutenberg, o que significa afirmar que em meados de 1450, só era possível reproduzir um texto copiando-o à mão. Com o surgimento de uma nova técnica, baseada nos tipos móveis e na prensa, a relação com a cultura escrita foi modificada.

Um livro manuscrito, em fins dos séculos XIV e XV, e um livro pós-Gutenberg baseiam-se nas estruturas fundamentais do códex. Tanto um como outro são objetos compostos de folhas dobradas, o que determina o formato do livro e a sucessão dos cadernos, que são costurados uns aos outros e protegidos por uma encadernação. A distribuição do texto na superfície da página, os instrumentos que lhe permitem as identificações como páginas, numeração, os índices e sumários: tudo isso existe desde a época do manuscrito.

O leitor da antiguidade, então, também experimentou modificações nos suportes de leitura. Conforme Chartier (1998b), os receptores do início da era cristã tiveram de se desligar do livro em rolo. A transição foi difícil em toda parte da Europa do século XVIII, quando houve a necessidade de adaptarem-se a uma nova circulação do escrito impresso. Tais leitores defrontaram-se com um objeto totalmente novo, que lhes permitia novas formas de pensamento, mas que ao mesmo tempo, necessitava do domínio de uma forma imprevista que implicava táticas de escrita e leituras inéditas.

4 O PERCURSO METODOLÓGICO

O presente artigo é o resultado final de uma pesquisa desenvolvida na Universidade de Passo Fundo (UPF), de 2015 a 2019, estudo esse que, por sua vez, se originou de um desdobramento da pesquisa *Leitura nas licenciaturas: espaços, materialidades e contextos na formação docente* resultado de um Projeto de Cooperação Acadêmica Interinstitucional – Procad, do qual foram integrantes as seguintes instituições de ensino superior: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), de Assis, de Marília e de Presidente Prudente, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Universidade de Passo Fundo (UPF). A finalidade da pesquisa do Procad foi descrever e analisar o perfil leitor de universitários ingressantes nas licenciaturas presenciais de Letras e Pedagogia,

das referidas IES, apontando princípios, conhecimentos e ações pedagógicas para a formação de leitores na universidade como espaço privilegiado de mediação da leitura e de circulação de práticas leitoras.

As coordenadoras institucionais foram selecionadas por histórico engajamento e por contribuição efetiva aos avanços à pesquisa em leitura e formação docente e, também, por sua articulação e trânsito interinstitucional. Os membros das equipes locais foram selecionados por sua titulação, produção acadêmica e por sua atuação na graduação em Letras e Pedagogia e/ou pós-graduação em Educação e Letras.

Neste sentido, este estudo se realizou a partir da extração de informações de um banco de dados já existentes, originado por meio de um questionário impresso aplicado aos acadêmicos ingressantes, maiores de 18 anos, totalizando 455 sujeitos, em cursos presenciais de Letras e de Pedagogia das universidades integrantes do Procad no início das atividades acadêmicas de 2015.

No total, o questionário contou com 85 questões, estruturado em duas partes “Perfil dos sujeitos” e “Perfil leitor”, contemplando questões objetivas e discursivas que acolheram os seguintes itens: dados pessoais, tipos de textos lidos habitualmente, o que procura ler e por que motivo, suportes de leitura, espaços de leitura, tempos de leitura, dimensões valorizadas na leitura e indicação de uma preferência específica, que hábitos possui antes, durante e depois da leitura.

O resultado obtido foi separado nos seguintes blocos temáticos: “Espaços e modos de ler”, “Gêneros textuais”, “Estratégias de leitura”, “Materialidade”, “O papel das instituições e dos mediadores” e “Suportes de textos” e, posteriormente em uma reunião, as coordenadoras das equipes envolvidas dividiram o conteúdo conforme afinidades com os temas e linhas de pesquisa em que atuavam em suas respectivas universidades.

Vale enfatizar que tal trabalho englobou três instituições distintas e alicerçadas em contextos diferentes. Contudo, tivemos acesso à soma dos dados de todas as universidades integrantes do Procad o que nos permitiu termos uma visão geral dos resultados do questionário aplicado aos ingressantes de Letras e de Pedagogia. Como não obtivemos as informações nas quais constavam os resultados separados por instituição, não foi possível analisarmos os diferentes contextos e compararmos os produtos. Ressaltamos que tal estudo diz respeito somente aos ingressantes da graduação desses cursos, porque o questionário não foi aplicado aos estudantes concluintes das instituições do Procad.

Escolhemos para este artigo, as questões 46 e 47 referentes ao suporte de leitura por entendermos a importância desses resultados para o cenário educacional. Também, devido à extensão da pesquisa desenvolvida, não foi possível abarcar aqui todos os dados analisados. Com isso, na sequência, apresentamos os suportes de leitura mencionados pelos ingressantes de Letras e de Pedagogia, a fim de descrevermos e analisarmos os formatos preferidos para o ato de ler desses universitários.

5 OS SUPORTES DE LEITURA DOS ACADÊMICOS DE LETRAS E DE PEDAGOGIA: O RESULTADO DA PESQUISA

Para analisar alguns dos modos de ler dos futuros professores de Letras e de Pedagogia considera-se pertinente apresentar os suportes mencionados pelos acadêmicos iniciantes de tais licenciaturas. Desse modo, entendemos que a leitura se torna um fator fundamental para o ser humano compreender o mundo que o cerca e esse assunto tem estimulado discussões na mídia e universidades.

Assim, as várias mudanças que ocorreram ao longo do desenvolvimento cultural da humanidade influenciam nas modalidades de leitura dos respondentes da pesquisa.

O resultados obtido mostrou que dos 455 entrevistados, 159 (34,9%) enunciaram dedicar-se somente à leitura sem interferência de outros suportes ou atividades; 281 (61,8%) normalmente leem realizando outras atividades simultaneamente como ouvir músicas, conexão às redes sociais e 15 (3,3%) não responderam a esse questionamento.

Podemos inferir a partir dos dados apresentados que quase todos os acadêmicos de Letras e Pedagogia, futuros professores, utilizam do suporte digital para realizar atividades de leituras diversas. Nos chama a atenção que 61,8% desses estudantes pratica a leitura em paralelo a outras atividades, evidenciando que há uma geração que se enquadra numa nova tipologia de leitores.

Nos pressupostos de Lucia Santaella (2016), existem três concepções de leitores: o leitor movente, o leitor imersivo e o leitor ubíquo. O leitor movente é aquele que surgiu em meio ao aprecimento das mídias mecânicas como telégrafo, fotografia, jornal, cinema emergidas junto as metrópoles do século XIX, do homem em meio a multidão. Conforme essa estudiosa, enquanto a cultura do livro desenvolveu o pensamento lógico, analítico e sequencial, as tranformações audiovisuais propiciaram o pensamento associativo, intuitivo e sintético. A partir de tais transformações, houve a preparação para o surgimento de um leitor imersivo.

Esse tipo de leitor navega pelas conexões dos espaços informativos da internet, ou seja, tem seu surgimento associado às manifestações da cultura midiática computacional. O computador, assim, enquanto metamídia absorvia as demais mídias, misturando-as na gênese da hibridização. Ainda de acordo com Santaella (2016), o funcionamento da máquina hipertextual (conexão entre vários fragmentos de textos) e hipermediática (convivências de textos escritos com sinais indicadores, ícones, cascatas, janelas que surgem e se dissipam, imagens, vídeos, sons, vozes, música), nos processos de navegação nas redes, coloca em ação, por meio das conexões, um contexto dinâmico de leitura comutável entre vários níveis midiáticos. Assim, surgem novas maneiras de ler, em que a leitura hipermediática passa por um processo de reorientação, se torna uma atividade nômade capaz de unir partes que vão juntando a outras através de uma lógica associativa de cognição.

Todas essas modificações fizeram com que surgisse a era da mobilidade e com ela, o leitor ubíquo. Tal período é marcado pelo uso contínuo de aparelhos móveis, potentes e ambulantes. O acesso à informação passou a ser instantâneo, interconectando ciberespaço com o espaço físico por onde o leitor transita. Logo,

Nesses novos espaços da hiper mobilidade hiperconectada, emergiu o leitor ubíquo com um perfil cognitivo inédito que nasce do cruzamento e mistura das características do leitor movente com o leitor imersivo. É ubíquo porque está continuamente situado nas interfaces de duas presenças simultâneas, a física e a informacional (SANTAELLA, 2016, p. 102).

A leitura no suporte digital, então, pode ser ilimitada, possibilitar maior praticidade, melhor acesso, facilidade na visualização e pesquisa, conexões constantes, possibilidade de baixar textos, ler notícias em tempo real, etc. Ao retomarmos as palavras de Chartier (1998b) atentamos que o suporte digital permite o fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro que encerra, no interior de sua encadernação ou capa. Com isso, ocorre a possibilidade do leitor embaralhar, misturar, relacionar, reunir escritos que são inscritos na mesma memória eletrônica. Tudo isso ocasiona uma revolução nas estruturas do suporte material, nas maneiras de ler e na liberdade da leitura. Então:

De um lado, o leitor da tela assemelha-se ao leitor da Antiguidade: o texto que ele lê corre diante de seus olhos; é claro, ele não flui tal como o texto de um livro em rolo, que era preciso desdobrar horizontalmente, já que agora ele corre verticalmente. De um lado, ele é como o leitor medieval ou o leitor do livro impresso, que pode utilizar referências como a paginação, o índice, o recorte do texto. Ele é simultaneamente esses dois leitores. Ao mesmo tempo, é mais livre. O texto eletrônico lhe permite maior distância com relação ao escrito. Nesse sentido, a tela aparece como o ponto de chegada do movimento que separou o texto do corpo (CHARTIER, 1998, p.13).

Assim, notamos que era digital trouxe muitos avanços para a leitura, mas também algumas alterações na relação entre o leitor e o texto, nas maneiras de ler além da relação corporal. Se antes, a possibilidade de uma leitura intensiva para uma leitura extensiva só era possível se o leitor tivesse ao seu alcance vários livros, geralmente, no interior de uma biblioteca ou livraria, hoje, isso é também possível devido ao suporte digital. O leitor contemporâneo é aquele que abre vários links ao mesmo tempo, que lê andando, que tem acesso ao conhecimento com um ou vários cliques.

De acordo com Darton (2010), leitores da era moderna na Inglaterra mantinham os livros em lugares comuns e copiavam trechos da obra. Tal ato mostrava uma maneira especial de absorver a palavra impressa. Diferentemente do leitor moderno, que lia um texto do início ao fim, os ingleses do início da era moderna liam intermitente, pulando de um livro para outro. Fragmentavam os textos, reagrupando-os depois em novos padrões, os transcreviam em diferentes cadernos. Logo, “eles reliam o que tinham copiado e recombinavam os padrões à medida que adicionavam mais excertos. Dessa forma, ler e escrever eram atividades inseparáveis” (DARNTON, 2010, p. 165).

Sobre a leitura fragmentada, Anne-Marie Chartier (2016, p.72) assevera que o uso do fragmento tem sido frequente desde a Antiguidade. Conforme tal estudiosa eram utilizados trechos escolhidos de poesias e peças de teatro, regras de gramática, resumos de história, cópias de tabuada, ditados de palavras ou textos para aprender a ortografia. Na literatura isso também acontecia, pois os romances eram considerados longos, difíceis

ou escandalosos demais. Os pedagogos, então, faziam versões mais leves para os alunos mais novos, resumindo e ilustrando as obras.

Notamos, então, que os modos de ler na Antiguidade se repetem na contemporaneidade. Para esse, as informações mudam em frações de segundo e tal leitor ubíquo acompanha em tempo real todos os acontecimentos passando bem diante de seus olhos. Logo, “quanto mais se expandir o uso da escrita por intermédio do meio digital, tanto mais a leitura será chamada a contribuir para a consolidação do instrumento, a competência de seus usuários e o aumento de seu público” (ZILBERMAN, 2013, p. 188).

Chartier (1998) postula que o novo suporte textual permite ao leitor usos, manuseios e intervenções mais numerosos e mais livres do que qualquer uma das formas antigas do livro: em rolo e códex. É possível ao leitor deixar suas marcas no texto impresso nos espaços em branco, mas principalmente nos periféricos, ao lado ou abaixo do escrito original. Porém, o historiador salienta que as tecnologias digitais apagam os gestos que tinham sido instalados pela cultura do impresso, como por exemplo: abrir um livro, folhear suas páginas, sentir o cheiro do papel, fazer anotações nas margens. Assim, “[...] não há como negar que, direta ou indiretamente, na contemporaneidade a subjetividade humana cada vez mais está associada à discursividade das múltiplas mídias e do hipertexto” (RETTENMAIER, 2007, p. 195).

Entendemos através dos dados obtidos que vários são os fatores no que diz respeito à escolha pelo uso dos aparelhos tecnológicos. Notamos que a preferência por estes suportes ganhou espaço nas mãos dos acadêmicos respondentes da pesquisa do Procad seja pela popularidade, praticidade ou necessidade. É importante ressaltar que 15 sujeitos (3,3%) não responderam à questão 46, o que nos faz inferir que provavelmente não gostem ou não reconheça que a leitura pode ser praticada em aparelhos tecnológicos, possuem dificuldade no manuseio, não tenham acesso ou poder aquisitivo para adquirir estes aparatos. Isso evidencia que a cultura digital é aceita por uma boa parcela dos respondentes da pesquisa, mas não por todos.

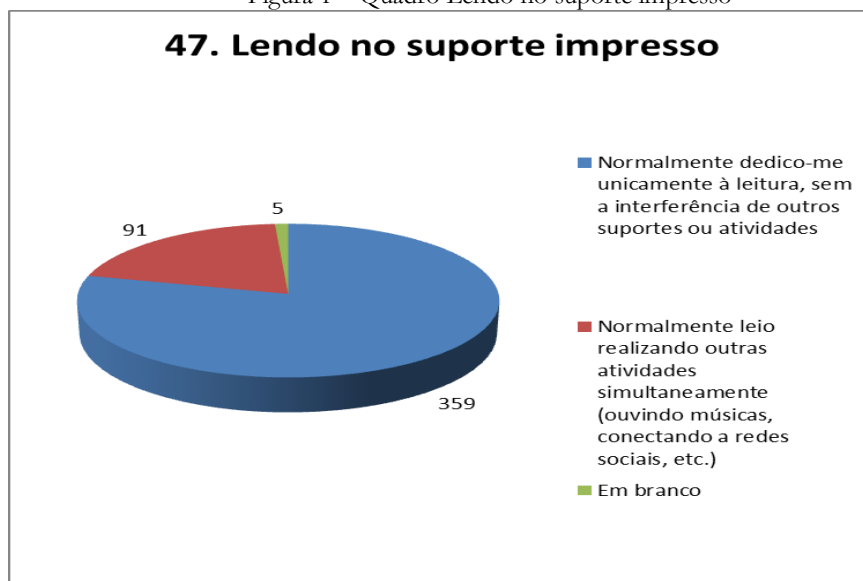
Com isso, notamos que além do suporte questões que envolvem a percepção, bem como a relação do leitor com o texto e como esse vem sendo utilizado podem ser diretamente afetadas pela era tecnológica. A internet, então, pode ser uma importante aliada na formação de leitores, especialmente, conforme elucidado nosso foco de estudo, dos futuros professores de Letras e de Pedagogia, uma vez que como docentes precisarão atuar com práticas de leitura em que o suporte digital seja utilizado.

Com isso, entendemos que o acesso ao conhecimento está ganhando novas dimensões, afetando a relação do sujeito com o mundo. A leitura é um meio de acesso à cultura e aquisição de experiências e o professor exerce papel fundamental nesse processo, pois sua função na sociedade se volta para a mediação do conhecimento e preparação educacional das novas gerações. Em suma, “[...] a leitura é uma forma de encontro entre o homem e a realidade sócio-cultural; o livro (ou qualquer outro tipo de material escrito) é sempre uma emersão do homem do processo histórico [...]” (SILVA, 1992, p. 41).

Logo, percebemos que a leitura é um compromisso social. O suporte digital nos dias de hoje acabou se tornando um meio importante para a disseminação da leitura. Contudo, esta modalidade não foi a única mencionada pelos acadêmicos de Letras e de

Pedagogia. Esses também foram questionados sobre a leitura no suporte impresso e, a partir disso, obtemos os seguintes resultados da questão 47²:

Figura 1 – Quadro Lendo no suporte impresso



Fonte: Procad

O resultado evidenciou que dos 455 respondentes, 359 alegaram que normalmente se dedicam unicamente à leitura na modalidade impressa, sem a interferência de outros suportes ou atividades, 91 sujeitos afirmaram que leem no impresso realizando outras atividades simultaneamente como ouvindo música, conectados a redes sociais, etc. e 5 acadêmicos não responderam à questão.

A partir disso, notamos que a maioria dos estudantes quando pratica a leitura no suporte impresso a faz em total plenitude, sem a interferência de outras atividades. Isso nos mostra que tal público prefere se dedicar somente a esse exercício, quem sabe, porque os tipos de leituras escolhidas exigem uma maior concentração, por estarem envolvidos com o assunto do texto ou por disporem das mãos para segurar o livro impresso.

Já os 91 respondentes que alegaram realizar a leitura praticando outras atividades, normalmente junto ao suporte digital (ouvindo música, conectado a redes sociais) nos indicam que eles dividem a concentração na leitura do livro impresso com outras ações. Esse tipo de leitor, então, ao invés de focar somente na leitura consegue segmentar sua atenção com vários outros exercícios. A música, quem sabe, para técnicas de relaxamento e o acesso a redes sociais, para se desviar do ato de ler. Também, o acesso à internet pode auxiliar em algumas questões relacionadas ao texto, como por exemplo: pesquisa de vocabulário, contexto da obra, etc.

² Tal questão está inserida no seguinte bloco temático: Espaços e modos de ler.

Diante disso, percebemos que a cultura digital não anulou a leitura do material impresso, ao contrário, ambas as modalidades dividem espaço nas mãos dos leitores. Isto quer dizer que, embora tais acadêmicos acompanhem a evolução digital e façam uso desta tecnologia, a leitura de textos impressos ainda perdura. Logo, uma mídia não toma o lugar da outra, o que nos faz refletir que “a publicação de manuscritos floresceu por muito tempo depois da invenção de prensa móvel de Gutenberg; os jornais não acabaram com o livro impresso; a televisão não destruiu o rádio; a internet não fez os telespectadores abandonarem suas tevês” (DARNTON, 2010, p. 14).

Darton (2010) também enfatiza que a resistência do livro impresso é extraordinária, pois tal material não precisa de upgrades, downloads ou boots, nem ser acessado, conectado a circuitos ou extraído de redes. Ainda para tal estudioso, a conveniência do livro impresso fez dele a ferramenta básica do saber por milhares de anos, mesmo quando precisava ser desenrolado para ser lido (na forma de rolos de papiro, diferentemente do códice, composto de folhas reunidas por encadernação) muito antes de Alexandre, o Grande fundar a biblioteca de Alexandria em 332 a. C.

Notamos que as práticas de leitura se redimensionam conforme o avanço do tempo e ganham a preferência dos leitores de acordo com seus interesses. Vale atentar que a leitura no suporte impresso, além de poder ser um gosto ou um hábito, também propicia um maior contato físico com o livro ou outro material, maior concentração na leitura, fazendo com que esta se torne menos cansativa do que quando realizada na tela de um computador, celular, ou tablet. O modo de ler em escrituras impressas pode ser muito semelhante à leitura no suporte digital, ou seja, em certos casos a leitura acontece também de forma fragmentada. Muitas vezes, o leitor do texto impresso deseja ler somente determinados capítulos, pequenos trechos dentro destas partes ou consultar referências.

Logo, “a leitura torna-se cada vez mais uma atividade fragmentada, quebrada, descontínua. O leitor passa, muitas vezes, de uma leitura à outra” (HORELLOU-LAFARGE, SEGRÉ, 2010, p. 131-132). O livro de papel também permite ao leitor abrir vários links, uma vez que cada informação lida pode somar aos conhecimentos de mundo do receptor.

Podemos perceber que as modificações no suporte de leitura aconteceram há anos, mas muitas das preferências de ontem e de hoje se relacionam e se repetem. A simpatia, as liberdades e as limitações do leitor do século XVIII ou XIX em relação ao suporte impresso, conforme postula Chartier (1998b), foram se alastrando e se instalaram na atualidade, atingindo o leitor do século XXI.

Essas questões nos permitem entender que embora o suporte digital vem ganhando espaço, o impresso ainda possui lugar nas mãos dos leitores. O que muda são os redimensionamentos nos modos de ler. Com isso, há de se pensar que “[...] uma pedagogia da leitura de cunho transformador propõe, ensina e encaminha a descoberta da função exercida pelo (s) texto (s) num sistema comunicacional, social e político” (ZILBERMAN; SILVA, 1991, p. 115).

Dando sequência ao estudo do Procad, dentre o total de acadêmicos, apenas 5 não responderam à questão. Esse dado, embora baixo, se torna preocupante, pois podemos interpretar que, talvez, tais acadêmicos não praticam nenhuma das alternativas: dedicar-se

somente a leitura no suporte impresso ou a realizar junto às demais atividades nos aparatos digitais. Também, esses sujeitos podem não possuir interesse pela leitura.

Diante disso, as experiências de leitura que podem ser propiciadas nas licenciaturas de Letras e de Pedagogia tendem a desenvolver ações que conduzam à formação de professores leitores e, conseqüentemente, mediadores de leitura. Por meio disso, esses profissionais estarão aptos a discutir o papel da leitura em relação aos indivíduos e ao mundo em que estão inseridos.

6 PROPOSTA DE PRÁTICA DE LEITURA³

Objetivos

Propiciar o contato com narrativas de detetive.

Desenvolver a capacidade de observação e resolução de problemas a partir de textos de detetive.

Despertar o interesse pela leitura deste gênero textual.

Materiais e recursos

Livro *As aventuras de Sherlock Holmes*

Capítulo do livro *O Xangô de Baker Street*

Televisão/aparelho de DVD

Celular com câmera, aplicativo de *WhatsApp* e *Socrative*

Etapas

1. Dividir os alunos em grupos
2. O professor-mediador deverá escolher uma das histórias de *As aventuras de Sherlock Holmes*, mas não deverá distribuir a parte do texto em que ocorre a decifração do enigma.
3. Os alunos deverão ler o texto, seguir as pistas e formular hipóteses sobre o enigma. O professor-mediador deverá provocar os estudantes sobre o conteúdo do texto.
4. Após o término da leitura, será feita a socialização, em que o relator de cada grupo mencionará os indícios analisados e as pistas que seguiu para desvendar o mistério.
5. O professor-mediador lerá o fim do texto original para apresentar como se deu o desfecho. A partir disso, os grupos devem fazer uma reflexão, comparando com as suas conclusões.
6. Assistir ao filme *Sherlock Holmes: o jogo de sombras*. Após isso, criar um grupo no *WhatsApp* para discutir questões como: Quem são as personagens?, Como o detetive e seu ajudante montaram o quebra-cabeças para desvendar o enigma?, Quais indícios seguiram? e Como ocorreu o desfecho do filme?

³ Para a realização desta proposta de prática leitora é necessário que estejam disponíveis todos os materiais e recursos bem como a certificação de que o professor (a) e os estudantes possuam aparelhos de smartphone.

7. O professor-mediador enviará para o grupo no *WhatsApp* o livro *O Xangô de Baker Street* e solicitará a leitura prévia do capítulo 8.
8. Na aula, através do aplicativo *Socrative*⁴, questionar aos alunos sobre:
 - Qual a tipologia textual e quais as características do gênero podem ser identificados no texto?
 - Em que partes do escrito se identificam elementos pressupostos e subentendidos?
 - Mencionar que no texto lido consta uma charada. A partir disso, solicitar que, em grupos, os estudantes analisem as informações apresentadas na narrativa e realizem inferências para justificar os motivos escolhidos pelo delegado na resolução do caso.
 - Por fim, o professor-mediador deverá questionar: Por que o delegado prendeu o marido como assassino da própria esposa?
9. Propor a elaboração de uma Feira Literária do curso de Letras em que cada nível se responsabilizará por apresentar/desenvolver atividades temáticas sobre: histórias de horror, narrativas fantásticas, contos de fadas, etc⁵.
10. Nesse contexto, a turma poderá se caracterizar de detetive e ajudante, como Sherlock Holmes e Watson e realizar oficinas de decifração de enigmas.
11. Criar um *Twitter* para postagens de enigmas e provocar os seguidores a enviarem comentários com as possíveis resoluções dos mistérios.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este artigo, o objetivo foi descrever e analisar os modos de ler dos acadêmicos ingressantes nas licenciaturas de Letras e de Pedagogia das três universidades brasileiras que integraram o Projeto de Cooperação Acadêmica Interinstitucional – Procad: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), de Assis, de Marília e de Presidente Prudente, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e da Universidade de Passo Fundo (UPF). Nesta análise, foram levadas em consideração as duas questões do questionário aplicado a tais acadêmicos referentes à leitura nos suportes digital e impresso.

No que diz respeito à leitura na modalidade digital, os dados apontaram que a maior parte dos respondentes divide essa prática com outra atividade, geralmente conectada às redes sociais ou ouvindo música. Notamos que o suporte digital é bem aceito por tais estudantes e viabiliza várias possibilidades em relação à leitura, pois pode armazenar uma ampla variedade de arquivos de textos, facilitando a abertura instantânea de diversos outros *links*, além do fácil acesso à internet e aplicativos para interações, buscas, consulta de informações.

Em relação à leitura no suporte impresso, a maioria dos respondentes mencionou que se dedica somente a tal exercício, evidenciando a sua preferência pela modalidade impressa. Contudo, boa parte dos acadêmicos alegou dividir a leitura com outras atividades relacionadas às mídias digitais, o que nos leva a inferir que o livro impresso não

⁴ <https://socrative.com/>

⁵ Fica a critério de cada turma e professores organizadores as dinâmicas a serem desenvolvidas.

é mais um objeto com atenção voltada única e exclusivamente para ele por parte de tais estudantes. Percebemos possível que a leitura na modalidade digital e impressa caminha lado a lado, pois ambos os suportes possuem espaço nas mãos dos universitários, respondentes da pesquisa.

Com isso, ressaltamos a importância de os docentes universitários dos cursos superiores do Procad desenvolverem ações de leitura com as mídias digitais para que no exercício de sua profissão, os egressos de Letras e de Pedagogia sejam capazes de realizar práticas leitoras utilizando aparatos tecnológicos, uma vez que a educação básica de nível fundamental e médio também é atingida pelo avanço da era digital. Também, é preciso introduzir a leitura nas atividades acadêmicas dos sujeitos que podem não possuir o hábito de ler em ambas as modalidades.

Assim, este estudo pretende contribuir com a discussão acerca da leitura alicerçada à formação inicial de professores de Letras e de Pedagogia por parte das instituições integrantes do Procad, bem como para tais cursos de outras universidades que se interessarem pelo assunto. Para isso, defendemos que atividades de leitura são importantes para a formação do pensamento crítico desses acadêmicos, futuros formadores de leitores.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 20 de dezembro de 1966*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 15. Jun. 2016.

BRZEZINSKI, I. *Pedagogia, pedagogos e formação de professores: busca e movimento*. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

CANDIDO, A. Discurso de Paraninfo. In: _____. *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades / Ed.34, 2002. p. 310-319.

CAVALLO, G.; CHARTIER, R. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1998a.

CHARTIER, R. *Cultura escrita, literatura e história*. Trad. E. Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1998b.

CHARTIER, A. M.; CHARTIER, R. Conferência a duas vozes. In: CHARTIER, A. M. [et al]; RÖSING, T. M. K. (Org.). *Literatura e identidade na era da mobilidade*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016. p. 59-87.

DARNTON, R. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. Trad. Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GATTI, B. A. *Formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação*. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

GIROUX, H. A. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

HORELLOU-LAFARGE, C.; SEGRÉ, M. *Sociologia da leitura*. Trad. Mauro Gama. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.

MARTINS, V. *Entrevista com Max Butlen, especialista em políticas de leitura*. Disponível em: <<http://www3.eca.usp.br/noticias/entrevista-com-max-butlen-especialista-em-politicas-de-leitura>>. Acesso em 30. Mai. 2017.

RETTENMAIER, M. A leitura literária e o hipertexto na sala de aula: do centro à periferia. In: SCHOLZE, L.; RÖSING, T. M. K. *Teorias e práticas de letramento*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007. p. 191-220.

SANTAELLA, L. O papel da leitura face ao patrimônio cultural. In: CHARTIER, A. M. [et al]; RÖSING, T. M. K. (Org.). *Literatura e identidade na era da mobilidade*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016.

SILVA, E. T. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

SILVA, E. T.. O professor leitor. In: SANTOS, F.; NETO, J. C. M.; RÖSING, T. M. K. (Org.). *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*. 1. ed. São Paulo: Global, 2009. p. 23-36.

SEGABINAZI, D. M. *Educação literária e docência: desafios para o século XXI*. João Pessoa: Editora da UFPBE, 2015.

TEIXEIRA, A. *Educação e universidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. Pedagogia da leitura: movimento e história. In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. (Org.). *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Editora Ática, 1991. p. 111-115.

ZILBERMAN, R. A leitura no mundo digital. In: RETTENMAIER, M.; RÖSING, T. M. K. (Org.). *Questões de leitura no hipertexto*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2013.

Recebido em: 28/02/2020

Aprovado em: 07/06/2020

Publicado em: 20/11/2020